



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

MARIA APARECIDA RODRIGUES DE SOUSA

FAMÍLIA E ESCOLA:
FRONTEIRAS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ITAPORANGA- PB

2013

**FAMÍLIA E ESCOLA:
FRONTEIRAS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Me. Kátia Ramos Silva

ITAPORANGA– PB

2013

S725f Sousa, Maria Aparecida Rodrigues de.

Família e escola: fronteiras e perspectivas na educação infantil /
Maria Aparecida Rodrigues de Sousa. – João Pessoa: UFPB, 2013.
56f.

Orientador: Kátia Ramos Silva
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Família. 3. Escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064 (043.2)

**FAMÍLIA E ESCOLA:
FRONTEIRAS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em, _____/_____/2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Orientadora Kátia Ramos Silva

Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

**ITAPORANGA – PB
2013**

Dedico este trabalho a quem me tornou quem sou hoje, meus pais: Antônio (in memória) e Josefa, e em especial ao meu esposo Paulo que esteve todo tempo ao meu lado, colaborando dia-a-dia para minha formação.

Se a educação sozinha

Não transforma a sociedade

Sem ela tampouco a

Sociedade muda.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Há muitos devo agradecer por estarem comigo nesta trajetória onde um sonho tornou realidade:

A Deus, razão da minha existência e de força suprema, que me guiou dando condições para a realização desta aspiração;

Aos meus pais, a minha eterna gratidão, pela minha criação e formação moral. Exercida com muito amor e respeito;

Ao meu querido esposo Paulo, que vivenciou todos os obstáculos comigo, me dando carinho e atenção na construção deste sonho, sempre presente, assegurando-me em todos os momentos, até mesmo nas longas madrugadas de estudo;

Aos professores e tutores, que me instruíram para a formação de novos saberes, obtendo meu crescer intelectual. Meu muito obrigado;

Aos meus alunos, que no dia-a-dia me ensinaram muito para a vida, momentos este de aprendizagem e alegria. Um abraço;

Aos colegas de curso, pela colaboração, muitas vezes trocando experiências para a construção do saber comum;

Aos pais, professores e comunidade escolar onde fiz a pesquisa em campo, que colaboraram gentilmente para meu trabalho.

O meu muito obrigado!

RESUMO

Diante do panorama social em que convivemos atualmente, exige-se um estudo reflexivo sobre importância dos papéis das instituições sociais “Família e Escola”, no que se refere à educação das crianças da educação infantil, principalmente sobre a necessidade da parceria entre ambas para a Educação. O presente estudo tem como finalidade esboçar uma pesquisa com uma abordagem histórica, para melhor entender como ocorreram às mudanças entre essas duas instituições, diante da caracterização da realidade vivenciada no sistema educacional das escolas públicas. Contemplam-se, nesta pesquisa empírica, algumas ideias de autores como: Gokhale (1980), Ariès (2006), Parolin (2003), Paro (2007), Reis (2007), Piaget (2007), Donkelo (1979) entre outros que abordam o assunto da relação entre a família e escola, principalmente no que refere ao aluno e sua aprendizagem, até sua repercussão na vida em sociedade, para gerar reflexões sobre a função dada a cada uma, perante o sucesso escolar. Esta análise vem revelar que o trabalho de educar não é exclusivamente uma obrigação do ambiente escolar. A escola cabe o compromisso de desenvolver potencialidades, enquanto a família designa a responsabilidade pela educação, pois através do convívio familiar, ela descobre o mundo ao redor. Enfatizamos que, para ter uma educação de qualidade necessitam ser desenvolvidas perspectivas de uma educação democrática, na qual as crianças sejam o eixo para novos princípios, válido pelo conhecimento crítico e reflexivo do seu papel social. Para tanto, a família e escola devem fundar parcerias na organizada neste desafio.

Palavras-chave: Família. Escola. Educação Infantil.

ABSTRACT

Given the social landscape in which we live today, it requires a reflective study of the importance of the roles of social institutions "Family and School ", in relation to the education of children in early childhood education, especially about the need for partnership between the two for education. The present study aims to outline a research with a historical approach, to better understand how the changes occurred between these two institutions, on the characterization of the reality experienced in the education system of public schools. It is contemplated , this empirical research , some ideas of authors such as : Gokhale (1980) , Aries (2006) , Parolin (2003) , Paro (2007) , Reis (2007) , Piaget (2007) , Donkelo (1979) among others addressing the issue of the relationship between family and school, especially as regards the student and their learning, and their impact in society , to generate reflections on the given function to each , before school success . This analysis will reveal that the job of educating is not only an obligation of the school environment. The school lay a commitment to developing potential, while the family assigns the responsibility for education, because through family life, she discovers the world around. We emphasize that, to have a quality education prospects for a democratic education, in which children are the hub for new principles, valid for critical and reflective understanding of their role in society need to be developed. Therefore, the family and school partnerships must be based on organized this challenge.

Keywords: Family. School. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
1.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
1.2 A INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA.....	14
1.3 OS CONFLITOS ENTRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.....	14
1.4 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS..	15
2. EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS	18
3. PERCURSO METODOLÓGICO	25
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	25
3.2 DEFINIÇÕES DA AMOSTRAGEM.....	26
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	27
3.4 INFORMAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS	28
3.5 INDICAÇÕES DE COMO SERÃO ANALISADOS AS INFORMAÇÕES	28
4. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
6. REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	50
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Em estudos realizados, um dos aspectos que evidencia o chamado “sucesso escolar” é a promissora parceria entre Família e Escola, destacando esta interação como umas das propulsoras no processo de uma aprendizagem significativa. Desta forma, propõe-se como tema de pesquisa a interação “Família e Escola”. Nesta pesquisa, almeja-se analisar quais são os papéis designados para ambas às partes na construção da aprendizagem.

Na atualidade, nota-se que, principalmente, a família vem relegando certas responsabilidades tradicionalmente reconhecidas, a algumas esferas da sociedade, cedendo espaço para outras instituições se tornarem mais presentes no acompanhamento do desenvolvimento das crianças. Pontuamos ainda que esta situação de ausência da família é recorrente em muitas instituições de ensino. Esta situação de escassez de uma atuação efetiva da família no ambiente escolar poderá afetar significativamente na transferência dos valores morais, éticos e solidários para a construção da identidade das crianças.

Consideramos que, para conceituar as possíveis motivações desta problemática, é preciso buscar respostas, para então compreender como são constituídas as relações da instituição familiar com o ambiente escolar das crianças. Neste contexto, é usualmente debatida, entre os profissionais da educação, uma perceptível falta de compromisso das famílias diante do processo de ensino aprendizagem. Diante disto, questionamos: *Como são estabelecidas as relações entre a escola e a família? Como tais relações influenciam na aprendizagem das crianças inseridas em uma escola da rede pública de ensino?*

Pretendemos, como objetivo geral, analisar como se dá a relação Família e Escola na Educação Infantil. Nesse sentido, supomos que se a interação entre ambas fosse profícua, poderíamos reformular novos fatores que alicerçasse um vasto desenvolvimento dos nossos alunos.

Para isso se busca, através dos objetivos específicos, discutir as formas de interação estabelecidas entre pais, alunos e professores, que compõem a comunidade escolar; debater as formas pelas quais a família contribui no processo de alfabetização e letramento; e perceber como é a relação entre a família e escola, principalmente no que refere ao aluno e sua aprendizagem.

Esta pesquisa empreendida visa discutir as possibilidades de relação entre a família e a escola na aprendizagem dos alunos. Para tanto, a mesma acontecerá em uma escola pública de Educação Infantil e Fundamental, situada na comunidade rural na cidade de Boa Ventura,

interior da Paraíba. A finalidade também é refletir quais as vantagens de uma possível parceria “Família e Escola” não apenas no que se alude ao pretendido sucesso escolar, mas em trazer novas oportunidades de construir uma formação integral dos alunos.

1. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na discussão sobre os papéis a serem assumidos pelas instituições família e escola, faz-se necessário realizar uma “viagem” sobre determinadas temáticas, com a finalidade de esclarecer como elas se relacionam na realidade empírica, tais como: a família, a criança e a escola. Assim, pontuamos que, por volta do século XVII, a infância era apresentada como um momento de possíveis socializações. Mas foi a partir da Revolução Industrial que iniciou um grande desafio no cotidiano familiar, uma vez que a mãe teria que trabalhar para auxiliar no sustento do lar, o que dificultava atenção aos seus filhos. Nesse contexto, cabia às instituições escolares, portanto, além da obrigação de ensinar o conhecimento, a formação das crianças para o mundo.

A família e os demais parentes assumiam a obrigação de educar as crianças até tornarem-se adultas, aprendendo a partir deste convívio, as noções básicas para convivência em sociedade, tendo como princípio uma educação para a vida. Assim, através de estímulos, a criança desenvolveria as primeiras relações sociais, segundo a conduta que a família lhes dirigia. Conforme afirma Gokhale:

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Assim, pode-se dizer que as crianças precisam sentir que fazem parte de uma família (GOKHALE, 1980, p. 33).

Por volta da metade do século XV, referindo-se o papel da família, a infância não era exposta no convívio daquelas pessoas. Segundo Aries (2006), as crianças eram vistas apenas como “adultas em miniatura”, cabendo em um único mundo para adultos e crianças, que impunha que a educação e as aprendizagens acontecessem pelo contato direto como o meio que viviam. Depois, o sentimento de infância foi desenvolvido para transformar a criança em um meio de diversão para os adultos.

Na Idade Moderna, surgiram as primeiras instituições educacionais (escolas internas), retirando parte da responsabilidade dos pais em relação à educação dos filhos, já que antes eram as pessoas do ambiente familiar que assumiam esta função. Com as escolas internas, as

crianças teriam uma nova rotina, visto que, estando no ambiente escolar em tempo integral, só lhes sobraria estar com os pais nas férias ou em uma eventual visita. Esta ausência despertava na família a necessidade de desenvolver uma atenção afetiva para com as crianças. Conforme afirma Aries (2006, p. 159), “o clima sentimental era agora completamente diferente, e mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo em que a escola, ou ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola”.

É importante ressaltar que, nas escolas dos séculos XVIII e XIX, as regras eram mais severas, que dificultavam a interação entre família e escola, e as crianças viviam em regime de internado. Neste histórico cenário, as crianças eram castigadas devido à metodologia aplicada pela rigidez da escola. Passava-se muito tempo para se educar na instituição escolar e depois voltar para o ambiente familiar. Desta forma, a família tinha que aceitar e colaborar com as regras fixadas pela sociedade (ARIES, 2006). Atualmente, a interação entre família e escola está diferenciada, visto que os pais estão mais perto dos filhos, proporcionando uma frequente convivência com o ambiente escolar.

Ao longo dos anos, através de muitas lutas e conquistas, ocorreram algumas mudanças nas famílias, nas escolas e nas crianças. Antes, a educação era repassada de forma isolada, com metodologias tradicionais e ultrapassada, dedicada aos afazeres domésticos, pois assim aprendiam aspectos comuns do cotidiano que serviria para a vida. Diferente desta realidade são as escolas da atualidade, onde os profissionais exercem muitas funções que as famílias desempenhavam, deixando então as famílias, de certa forma, ausentes de certos papéis. A movimentada vida cotidiana da sociedade contemporânea impôs inúmeras alterações na vida familiar, o que provoca, muitas vezes, que a escola tenha que cumprir sozinha com o processo educacional infantil.

Na atualidade, pressupõe-se que a família é o alicerce das primeiras aprendizagens de cada indivíduo. Independente de qual período histórico em que se situa o que se faz necessário é a valorização do que as crianças aprendem. Apesar disso, entende-se que não só cabe a uma instituição a responsabilidade com a aprendizagem das crianças. E sim as duas, formando a parceria entre ambas as instituições, ou seja, família e escola, que contribuirão para a educação se tornar satisfatória.

1.2 A INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

A equipe formada por família e escola deve estar aliada pelos mesmos ideais e princípios, para que juntas, possam conduzir as crianças para um futuro melhor. Ou seja,

quanto mais integradas estejam família e escola, mais positivamente se constitui um entorno entre elas. Para isso, ambas terão que planejar suas metas com objetivos semelhantes para formar cidadãos capazes de lidar com as complexidades que norteiam a sociedade, sendo imprescindível estreitar as relações, pois só assim a aprendizagem e formação social das crianças serão satisfatórias.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades. Que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo (PAROLIM, 2003, p. 99).

Ressaltamos, contudo, para que obtenham o sucesso esperado não é preciso que a escola e a família se modifiquem, seja na forma como se desenvolvem ou se organizam. Mas para acontecer essa interação, é preciso haver uma troca de experiências, só assim esta parceria será possível.

A aproximação da família no espaço escolar possibilita bons resultados para a educação das crianças. O fato de atrair os pais para a escola corresponde a uma ótima oportunidade para a formação dos alunos no sentido de cidadania. Tanto a escola quanto a família devem estar atentas as possíveis ações e reações das crianças, seja pela ausência, teimosia, distanciamento, recolhimento, pranto ou mesmo silêncio, pois através do comportamento, eles podem estar sinalizando algumas dificuldades ou problemas, tais como: inadequação, dificuldades nas disciplinas, com os colegas, com os professores, e outras causas. Cabendo, neste momento, que as equipes: família e escola atuem efetivamente.

Há a necessidade de incentivar com maior conscientização por todos os envolvidos neste processo, em prol da educação das crianças, estabelecendo uma relação sadia afim que estas crianças tornem mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade adequadamente. Através da interação “família e escola”, trabalhando juntas sobre alguns aspectos em comum, tais como sobre o valor da amizade e do respeito ao próximo, planejando e estabelecendo um compromisso com a qualidade do aprendizado em ambos os espaços de educação social.

1.3 OS CONFLITOS ENTRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

É fundamental a interação da família com o ambiente escolar das crianças para seu próprio desempenho escolar. Assim, quando não há uma integração entre os pais e a

instituição de ensino, fica difícil uma estabilidade educacional do aluno (CHECHIA; ANDRADE, 2002).

Fazendo referência a esse ponto, Paro afirma que “na mesma medida em que enfatizam a importância e a necessidade de os pais participarem, em casa, da vida escolar de seus filhos, os professores e funcionários, em geral, reclamam da falta dessa participação” (PARO 2007, P. 39).

Para que não haja os possíveis conflitos entre estas duas instituições, é preciso que os pais cumpram com sua tarefa no exercício da vida estudantil dos seus filhos. Partindo do ato de conhecer a escola, como funcionam, suas ideias, sua metodologia, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, já que este se refere a um documento que representa um referencial teórico-filosófico e político da mesma. Nesse documento, a escola estabelece suas ideologias para melhor educar seus alunos, com o princípio de gerar transformações na comunidade escolar de forma participativa, o que inclui os funcionários, docentes, pais, e alunos.

Para contribuir com a aproximação entre a família e a escola faz-se necessário, o respeito pelos pais e demonstrar que eles são importantes neste processo de formação dos seus filhos. Salientamos ainda que a relação entre a escola e a família nos dias de hoje, é uma das questões mais discutidas nos sistemas de ensino em todo o mundo. Resultado disto são inúmeras pesquisas e publicações especializadas sobre o assunto, sem falar nos profissionais responsáveis pelo cumprimento deste desafio.

Vivemos um período de mudanças significativas na transferência dos valores para o ser humano, uma vez que a sociedade é marcada pelo egocentrismo e, nessa perspectiva, o caráter de coletividade fica cada vez mais reduzido. Assim, podemos afirmar que qualquer proposta para as duas instituições, ou seja, para a efetivação desta “parceira”, deverá ser pensada no contexto em que vivem, já que esta é uma decisão coletiva. Afirmamos então, que nos dias atuais nenhuma das duas instituições – família e escola – pode trabalhar isoladamente. Mas sim, interagindo em um trabalho em conjunto, que tenha como objetivo o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, além de contribuir na sua formação integral.

1.4 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS

As relações no ambiente familiar com o aprendizado das crianças têm significativa importância e respaldo sociocultural. Essas relações, inclusive, podem ser visualizadas como

consequência do compromisso estabelecido e determinado pela legislação que estabelece a família em desempenhar o papel educacional e não incumbir apenas à escola esta função de educar. Tal resolução está disposta na Constituição Federal, artigo 205, que afirma que a educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da Cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A vivência escolar mostra que a participação dos pais no acompanhamento escolar e social das crianças, poderá oportunizar o conhecimento de outros tipos de família, abrindo canais de comunicação entre elas. Esta comunicação bem mais individualizada entre as famílias e a escola deverá ocorrer de maneira planejada e informal. Por um exemplo, a aproximação dos pais para conhecer a rotina diária de uma instituição de educação infantil, certamente, trará mais tranquilidade para eles. Principalmente quando as crianças são pequenas, este tipo de contato e informação direta é essencial para a segurança e o conforto das crianças. Além dos momentos de discussão sobre o andamento dos trabalhos com as crianças, a proximidade com o ambiente escolar oportunizará sempre o esclarecimento de possíveis dúvidas ou interesses de ambas as partes.

Para que entrem em consenso é necessário que a família tenha acesso ou interesse em entender como é a filosofia de trabalho da instituição, quem faz parte do quadro docente e suas qualificações, o funcionamento da instituição, se dispõe de segurança técnica em caso de acidentes ou problemas de saúde, entre outros. Mesmo com este suporte, a legislação não é ampla ao ponto de que atinja à inclusão familiar no ambiente escolar, podendo provocar certos retardos na qualidade educacional. Considerando que a família e a escola queiram atingir os mesmos objetivos, ou seja, preparar as crianças para o mundo, ambas devem superar algumas dificuldades e conflitos testemunhados por toda comunidade escolar. Sabendo que a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional por parte da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos (REIS, 2007, p. 6).

O ingresso das crianças no ambiente escolar pode criar ansiedade tanto para família como para escola, devendo observar se acontece alguma mudança de procedimentos nas crianças (birra, alterações do apetite, voltar a ter comportamento que não condiz a sua idade etc.). É preciso que a instituição escolar saiba lidar com estes casos para auxiliar os pais e as crianças de maneira adequada.

Além do cuidar, a instituição de educação infantil deve desempenhar um papel educativo junto aos pais, contestando, informando e norteando-a diante dos mais variados

temas, que facilitará um bom desempenho escolar e social às crianças. Afirma-se que [...] toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos (PIAGET, 2007, p. 50).

Quando a família se faz presente no processo ensino aprendizagem, certamente o desempenho escolar, será satisfatório, já que a instituição educacional dispõe de, geralmente, apenas quatro horas com a criança dentro da escola, enquanto as demais horas ela está no convívio familiar. Assim, é necessário que a família se encontre em harmonia com a instituição escolar, uma vez que uma relação harmoniosa só pode favorecer e promover o desempenho educacional das crianças.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS

Com o objetivo de melhor compreendermos a realidade atual, temos a necessidade de percorrer a história da educação infantil no Brasil. A partir desta análise, obteremos a fundamentação teórica sobre os aspectos que permearam os ideais pedagógicos que transformaram a prática da educação infantil.

Assim, podemos afirmar que um momento a ser destacado na História da Educação Infantil no Brasil, começa na pré-colonização, com a chegada dos Jesuítas ao Brasil. Estes tinham como propósito trazer não somente a moral, os costumes e a religiosidade, mas também métodos pedagógicos. Tais métodos eram usados para converter os indígenas através da catequização e, portanto, utilizavam uma metodologia percebida como “ameaçadora”, fazendo dos indígenas estar submissos às diversas humilhações, fazendo com que eles perdessem a sua própria cultura através dos castigos violentos. Para tanto, utilizavam-se, por exemplo, da vara de marmelo e a tão famosa palmatória, instrumento que permeou até os meados do século passado como uma ferramenta indispensável para educar. Assim, cabia às crianças indígenas a tentativa de se “enquadrar” nesse contexto, vencendo este desafio para sua própria sobrevivência, para se tornar um adulto integrado à religião católica, segundo a lógica utilizada pelos jesuítas (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 201).

Esta disciplina era baseada na ordem religiosa da Companhia de Jesus, na qual os jesuítas estavam inseridos. Tal Companhia organizou um sistema de ensino mais amplo, consolidando a primeiras casas de ler e escrever, consolidando então os “colégios”, sob a responsabilidade e instrução destes religiosos.

Depois de muitos anos, a educação da Brasil passou por algumas alterações. Uma delas foi que a “Companhia de Jesus” tinha que educar as crianças indígenas para uma formação sacerdotal. Assim, criaram-se as primeiras formas institucionais, conhecidas como a “Casa dos Meninos”, neste cenário era ensinado o aprendizado oral do português, aprender a contar, tocar instrumentos musicais e alguns ensinamentos baseado na vida cristã. Diferentemente, caberiam as meninas apenas se dedicar a aprendizagem de uma vida doméstica.

É importante ressaltar que isso não era regra para todas as crianças, ou seja, nem todas tinham a oportunidade de estudar. As demais eram destinadas a uma metodologia de trabalho manual, que englobaria as crianças pobres (negros e escravos) em sua maioria. Nas casas de

estudo, os padrões executados tinham que ser condizentes à realidade daquela sociedade, fazendo com que aquele momento de infância fosse-lhes poupados. Assim, tinham que se adaptar às práticas educacionais e a cultura do mundo ocidental. Isso tudo ocorria com a intenção de difundir a ideia de que “lá fora” existia um mundo civilizado, diferente daquela “colônia onde predominava a mais pura ‘ignorância’ intelectual” (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 204).

Este cenário perdurou por muitos anos. Após cerca de 210 anos da atuação dos Jesuítas, ocorreram alguns conflitos com a autoridade da época, que já não aceitavam mais aquela interferência e voltou-se para outro ideal. Foi quando os chamados “senhores de engenho” que consideravam negativa a metodologia que os padres usavam pra deixar todos subordinados a eles. Assim, em 1759, aconteceu a expulsão dos jesuítas através de um alvará assinado pelo Marquês de Pombal. Afastando os jesuítas desta função, seriam traçadas outras práticas pedagógicas (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 206).

Em 1755 houve outro fato importante, quando o Marquês de Pombal assumiu o poder do reinado e tentou contornar a situação da época, reconstruindo a economia do país. Com relação à educação, depois da expulsão dos jesuítas, começaram a valorizar outros interesses voltados para o país, o que provocou uma ruptura histórica, consolidando então um novo modelo de educação. Pombal organizou novas escolas que se destinavam a difundir o conhecimento para o interesse do Estado, mas que provocou uma evasão dos professores, fechando escolas e as bibliotecas. (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 208).

Derrubado o sistema de ensino jesuíta e iniciando a reforma de Pombal, onde instituía o ensino laico e público, inicia-se uma nova etapa da educação brasileira. Começaram então a direcionar a atenção para aqueles que viviam principalmente nas ruas, considerados os “frutos do pecado”. Nesse sentido, tentaram educar, mas com as dificuldades que surgiam, passaram esta iniciativa para o Estado, para que ele se responsabilizasse pelos mesmos. Desta forma, foi “descoberta” a Infância na sociedade brasileira, nesta forma foi oferecida uma educação mais ampla, desde a educação física à instrução de moral. Neste marco, por volta do século XIX começava um novo projeto das diretrizes da educação (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 217).

Firmando esta tarefa juntamente com a Constituição de 1824, que estabelecia a responsabilidade para um futuro melhor para educação. Neste momento, a educação ainda mostrava-se com recursos escassos, principalmente, no que diz respeito à estrutura e sustento das escolas. Em 1834, o Ato Adicional à Constituição trouxe algumas providências para serem tomadas na administração do ensino primário e do secundário.

No entanto, o Brasil Império se encontrava num impasse: apresentava-se padronizado e centralizado, restritos apenas a elite social, mas que tinha a necessidade de educar a todos. Assim, já que os prioritários eram os filhos dos intelectuais, militares e religiosos, havia a necessidade de criar instituições particulares.

Com a Constituição de 1891, foi criado um sistema federativo de governo, onde ocorreu a descentralização do ensino:

Em seu artigo 35, itens 3º e 4º, resolveram à União o direito de criar instituições de ensino superior e secundário nos estados e prover a instrução secundária no Distrito Federal. Ao Estado, competia prover e legislar sobre a educação primária, além do ensino profissional (que compreendiam, na época, as escolas normais de nível médio para moças e as escolas técnicas para rapazes) (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 228).

Mas, diante de tudo, a criança ganhou importância na história da educação brasileira. É importante destacar que, quando falamos em criança, nos referimos à faixa etária que compreende entre 0 a 6 anos de idade. Mas que nas chamadas escolas primitivas, contudo, consideravam que só a partir dos sete anos era que a criança precisava ser afastada dos cuidados da família e era encaminhada para outros ambientes de aprendizagem:

Ocorre que a criança que nos interessa que recentemente passou a ser chamada ‘criança pequena’, é a que se encontra na faixa etária entre 0 e 5 anos. Isso porque a Lei nº 11.274, sancionada pelo Presidente da República em 06 de fevereiro de 2002, alterou o Artigo 32 da LDBEN, ao regulamentar o Ensino Fundamental de nove anos, devendo a criança ingressar nele já aos seis anos de idade (TRILHAS DO APRENDENTE, 2009, p.166).

Assim, considera-se que a criança, a partir de seis anos de idade, já não é uma criança pequena, abdicando o direito de frequentar a creche ou pré-escola, e tendo que ser inserida no ensino fundamental.

Desde 1930, a história da educação começou a ocupar um espaço no cenário da sociedade, priorizando, de fato, uma educação para a criança. Sobre esse fato, temos o seguinte comentário:

Saviani, estudando a história da escola pública no Brasil, delimitou, entre 1931 e 1961, o período que ele denominou de ‘regulamentação nacional do ensino’, quando o Estado nascido de 1930 ‘sinalizou na direção de se considerar a educação, em seu conjunto, como uma questão nacional’. Foi só em 1931 que se criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e se procedeu a uma reforma educacional de caráter nacional e, em 1961, foi promulgada nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 170).

Nessa perspectiva, surge a contribuição de Capanema com uma reforma educacional. Existindo, assim, as “leis orgânicas de ensino”, admitidas como “Reforma Capanema”, que abrangeu:

Os ensinos industrial e secundário (1942), comercial (1943), normal, primário agrícola (1946), complementados pela criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (1942) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) (1946). Por essas reformas, o ensino primário foi desdobrado em ensino primário fundamental e ensino primário supletivo. Para o primário fundamental, destinado a crianças entre 7 e 12 anos, foram previstas duas modalidades: o ensino primário elementar com duração de quatro anos e o ensino primário complementar, de apenas um ano, acrescentado ao curso primário elementar. O ensino primário supletivo, com a duração de dois anos, destinava-se a adolescentes e adultos que não haviam tido a oportunidade de frequentar a escola na idade adequada. O ensino médio ficou organizado verticalmente em dois ciclos, o ginásio, com a duração de quatro anos, e o colegial, com a duração de três anos e, horizontalmente, nos ramos secundários e técnico profissional. O ramo profissional subdividiu-se em industrial, comercial e agrícola, além do normal que mantinha interface com o secundário (SAVIANI, 2004, p. 37-38).

Por volta de 1930, o Estado manteve uma preocupação com a educação infantil. Para tanto, era preciso uma formulação concreta, mas só apenas em 1946 tais aspectos começaram a ser contemplados e, portanto, a serem inseridos no contexto.

Nesse sentido, apenas em 1970 que se fundou a educação pré-escolar destinada às crianças de 4 a 6 anos, mas havia um grande índice de evasão escolar e de repetência das crianças. Isso exigia do Estado novas modalidades de ensino, que fossem satisfatórias para as necessidades culturais das famílias daquelas crianças e criando um modelo de expansão da pré-escola, onde aglomeravam cerca de 90 alunos numa mesma sala de aula. As melhorias ocorriam de maneira esporádica, já que a realidade da educação infantil que era dada aos filhos das mães que trabalhavam na indústria, não passava de um lugar de assistência.

Entre 1930 e os últimos da década de 1960, a educação escolar brasileira começou a se expandir, com um maior número de matrículas e, portanto, necessitou de uma quantidade mais significativa de escolas. Cabia a este espaço a responsabilidade de educar as crianças, enquanto significativa parcela das mães tinha que trabalhar como domésticas. Criaram então um espaço, considerado como “creche”, uma vez que nela as crianças teriam assistência, cuidados, alimentação, tendo como prioridade evitar a mortalidade infantil.

A educação pré-escolar teve difusão depois de 1970, como consequência da necessidade de assegurar um desenvolvimento educacional para as famílias das crianças. Justifica-se que a existência da pré-escola seria atender as famílias pobres. Não bastando este ideal, foi preciso propagar os discursos sobre a importância da educação pré-escolar,

argumentando que como esta modalidade pretendia situar-se como um processo de socialização entre as crianças, favoreceria a futura vida escolar.

Podemos dizer que o surgimento das instituições de educação infantil está ligado às alterações que a família sofreu dentro das sociedades, principalmente, no que diz respeito ao papel que a mulher assume no contexto das sociedades burguesas. Com a necessidade de ter um espaço para as crianças, foram criados alguns espaços para acolhimento destas. Assim, construíram hospícios para as crianças pobres que eram rejeitadas por seus pais. Outras crianças eram destinadas as “amas de leite”, que assumiam o papel de cuidar dos filhos das mães ricas. O tempo se passou e os hospícios e as amas de leite foram sendo abolidos. Dentro contextos surgem às chamadas “Rodas dos expostos” (TRILHAS DO APRENDENTE, 2009 p. 405).

A roda é um cilindro que gira aberto; o lado fechado dá à rua e nas suas proximidades há uma campainha. Uma mulher quer abandonar um recém-nascido? Avisa a pessoa de guarda tocando a campainha. Imediatamente o cilindro, girando sobre ele mesmo, apresenta ao exterior seu lado aberto, recolhe o recém-nascido e, prosseguindo seu movimento, o introduz no interior do hospício. Desta forma quem fez a doação não foi visto por nenhum dos serventes da casa. E esse é o objetivo: romper, sem pegadas e sem escândalo, o laço de origem destes produtos de alianças não desejáveis, depurar as relações sociais dos progenitores que não se ajustam à lei familiar, às suas ambições, à sua reputação (DONZELOT apud TRILHAS DO APRENDENTE).

No século XIX, aconteceram algumas modificações no que diz respeito ao que desenvolvimento cultural e tecnológico, devido à industrialização. Com estes avanços, surgiu também a necessidade de atender à criança. Para mostrar solidariedade às elites brasileiras, começaram a se preocupar em criar um espaço bem mais amplo e, para tanto, apostaram nos “jardim de infância” no estilo europeu.

Então, foi criado em 1896 o Jardim de Infância da Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. Que Em função das discussões políticas que não tinham a intenção de investir nestas instituições de caridades que davam o apoio às crianças pobres, em 1875 no Rio de Janeiro e 1877 em São Paulo, então as iniciativas privadas criaram os primeiros Jardins de infância particulares. (TRILHAS DO APRENDENTE, 2008, p. 405).

Mas temiam arriscar neste investimento, “as instituições de caridade para as crianças pobres”. Depois de muitos entraves, criou-se então o ensino primário, que precisava de uma proteção específica à infância.

Com o apoio de outros setores da sociedade, as mulheres que necessitavam das creches para deixar suas crianças, não tinham segurança, porque tais creches apresentavam

altos índices de mortalidade infantil, devido às más condições dos locais, onde deixavam as crianças. Apoiado pelas políticas populistas, as instituições de educação infantil do início do Século XX, permaneceram sob vigilância. Sobre esse fato, podemos constatar nas palavras de Kuhlmann Jr:

A recomendação da criação de creches junto às indústrias ocorria com frequência nos congressos que abordaram a assistência à infância. Era uma medida defendida no quadro da necessidade de criação de uma regulamentação das relações de trabalho, particularmente quanto ao trabalho feminino. (KUHLMANN JR., 2001, p. 85).

Mas a preocupação recaía sobre a função social que as creches assumiriam: uma espécie de substituta da mãe, o que não era o desejado. Diante disto, podemos dizer que através das pesquisas, o desenvolvimento infantil não poderia se dar com a separação da mãe do filho, causando possíveis transtornos psíquicos no comportamento das crianças. Mas, que as creches fossem espaços de conciliação entre a responsabilidade que a mãe teria em criar seus filhos e a necessidade de trabalhar.

Conforme observações, as crianças que ficavam nas creches passavam por modificações do seu próprio modo de ser. Nesse sentido, Dias afirma que:

As instituições de educação infantil se configuram como um local onde a convivência com outras crianças e adultos, diferentes dos familiares, exige a ampliação do desenvolvimento das capacidades de relacionamento interpessoal num grau de complexidade maior que aquelas requeridas num ambiente familiar (DIAS, 2007, p. 25).

Assim, afirmamos mais uma vez que a educação infantil passou por um processo histórico muito marcante, no qual a necessidade das creches e pré-escola foi um fator socioeducacional, onde o fundamento pedagógico estava associado ao valor de cuidar e educar as crianças pequenas.

O cuidado é um ato em relação ao outro que possui uma dimensão expressiva. Contemplar o cuidar na educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Demanda a interação de valores campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas (RCNEI, 1998, p. 25).

Diante deste levantamento histórico, discutimos sobre os inúmeros momentos que permearam a educação infantil no cenário brasileiro. Mas voltando-se para nosso tema de estudo, destacamos que, cabe à escola executar uma ação com a família para que o

desenvolvimento da criança seja concebido de maneira integral. Desta maneira, a Educação Infantil está alicerçada sobre o entendimento segundo as suas propostas pedagógicas, que consistem em transformar os conhecimentos intuitivos em científicos, promovendo atividades de maneira interativa.

Hoje, as propostas de educação infantil dividem-se entre as que espelham nas referências e nos modelos da escola elementar, e as que partem do princípio de que a infância é um tempo de constituição do ser a partir do aumento das referências que o mundo apresenta. As escolas para as crianças pequenas se constituem em um espaço de delimitação do mundo dos adultos, mas com a necessidade de colaborar nas diferentes experiências entre pessoas, a partir de diferentes linguagens, indo muito além das linguagens escritas. Precisa-se, desta maneira geral, ter a experiência necessária para acompanhar o desenvolvimento da criança, aceitando suas necessidades distintas pelo desenvolvimento intelectual, físico, emocional, para não termos uma falsa impressão e desrespeitosas com relação à infância e à criança.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Como procedimento para que uma determinada pesquisa seja realizada, o/a pesquisador/a necessita detalhar o percurso metodológico que norteará o seu desenvolvimento. A princípio, devemos ressaltar que a realização de pesquisa sobre determinado recorte social é complexa, porém, necessária para conhecer melhor a sociedade na qual estamos inseridos.

Desta maneira abriremos espaços para as possíveis investigações, valorizando os sujeitos a serem investigados configurando o conhecimento teórico e as experiências práticas, que neste sentido revigorará sobre as concepções praticadas no cenário da educação infantil como um todo, desde o contato íntimo com a família até mesmo a sua interação com o meio social.

Antes de detalhar o percurso metodológico que orientará a presente pesquisa, é importante esclarecermos o objeto de estudo da mesma, bem como seus objetivos. Assim, percebe-se que, atualmente, a escola chama atenção para a ausência da família em acompanhar as crianças no processo educativo, uma vez que a presença da instituição familiar no âmbito escolar é reconhecida como princípio necessário para tentar ajustar, diante das dificuldades, uma satisfatória transmissão de valores. Esse acompanhamento e parceria se destacam como relevante para o desdobramento da inserção das crianças no mundo.

Podemos constatar que a ausência da família no cotidiano da instituição educacional é uma preocupação constante por parte do corpo docente. Devido a isso, nomeamos alguns meios de pesquisar o papel que tanto a família quanto a escola exercem no que diz respeito à educação das crianças, tais como: avaliando qual será a prática pedagógica desta escola de educação infantil, se segue as diretrizes curriculares nacionais, bem como os referenciais curriculares da educação infantil, já que os mesmos servem de regras para o bom funcionamento da escola, desde a sua infraestrutura adequada ao atendimento aos pais. Sendo assim, esse posicionamento é necessário já que o propósito é de contribuir ainda mais para que as crianças apresentem um desenvolvimento integral da sua identidade, se tornando cidadãos de direitos e a infância seja reconhecida.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A partir desse contexto apresentado, objetiva-se com a presente pesquisa qualitativa, para verificar a importância da parceria entre família e escola.

Quanto à pesquisa qualitativa é imprescindível que a técnica utilizada pode ser exclusiva, no processo de coleta de informações quanto associada a outros instrumentos da coleta de dados. Sendo usada em diversos processos de produção do conhecimento científico: desde os trabalhos de pesquisa do cotidiano educacional, até os estágios mais avançados da pesquisa científica. (BRENNAND, 2012, p.78).

Assim, na referida pesquisa, almeja-se analisar quais são os papéis designados para cada uma das instituições. De forma conjunta entre as famílias e os profissionais da escola, procurará discutir como acontece esta relação no contexto da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Adauto Antônio de Araújo, instituição pública situada na comunidade rural na cidade de Boa Ventura, interior da Paraíba.

Quanto aos métodos utilizados para coleta de dados, essa pesquisa classifica-se como uma pesquisa empírica de caráter descritiva por meio da qual serão mencionadas as informações coletadas nesta escola municipal. Com base nas informações nas Trilhas temos esta visão:

Na perspectiva descritiva, se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência. Assim, o pesquisador estuda os fenômenos do mundo físico e humano, mas não os manipula. Incluem-se, entre essas pesquisas, as opiniões, as mercadológicas, as de levantamento socioeconômicos e psicossociais (TRILHAS DO APRENDENTE, 2011, p.639).

A maneira de fazer a pesquisa supõe que não fiquemos de fora, mas que sejamos implicativos, tanto porque é o papel que temos, para então podermos atuar nos movimentos sociais em defesa da educação infantil de qualidade para as crianças e da formação dos profissionais que atuam nesta área.

É importante ressaltar, contudo, que com uma instituição de ensino apresenta significativa ausência de familiares no cotidiano escolar, nos últimos anos, buscamos analisar ainda quais os aspectos reconhecidos como motivadores para esse fato acontecer. Para tanto, será realizado um levantamento de dados, através da aplicação de um questionário entre profissionais da escola e familiares, previamente selecionados.

3.2 DEFINIÇÃO DA AMOSTRAGEM

Distinguir a amostragem do público-alvo, sujeitos desta pesquisa, serão as famílias, revendo que um dos membros da família, principalmente o pai/mãe se responsabilizará na

colaboração da mesma dos alunos das séries iniciais da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Adauto Antônio de Araújo. Como são 16 alunos no total na educação infantil, sendo 5 alunos no pré-escolar I e 11 alunos pré-escolar II, ambas as turmas serão observadas. Em seguida, utilizaremos a aplicação de um questionário (estruturado) para as professoras e para uma amostra das famílias (pai/mãe) dos alunos da educação infantil desta escola. Nesse momento, ressaltamos que a população total dessa pesquisa é de aproximadamente seja 14 pessoas, o que corresponde a uma porcentagem significativa dos pais dos alunos e das professoras, direção e supervisora da escola. Temos então uma amostra para a pesquisa, que situará como uma reflexão do contexto.

Considerando que muitos pais dos alunos não sabem escrever, e desta maneira, têm dificuldades em responder aos questionários, acompanharei as famílias na execução dos mesmos. Com o objetivo de obter a participação de todos para a concretização de uma amostra satisfatória, serão distribuídos 14 (quatorze) questionários: 10 (pais) e 2 (professoras) da educação infantil, 1(diretora) e 1 (supervisora escolar) da referida escola, *locus* da pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Fazendo o uso do questionário como uma ferramenta muito útil para coletar dados, mas pode se transformar em um instrumento, por base nisso veja a descrição de Richadsoni:

(...) toda coleta de dados, escrita ou oral, é um processo de interação entre pessoas. Portanto, deve-se procurar uma ordem de perguntas que facilite a interação. Assim, não convém passar bruscamente de um tema a outro; não convém fazer e refazer a pergunta em diferentes partes duas ou pessoas que viam solucionar um problema; portanto, devem ser respeitadas as normas de uma conversa desse tipo (RICHARDSON, 2007, p. 201).

É importante considerarmos que, antes da aplicação do instrumento utilizado para a coleta de dados, será realizada uma reunião com a diretoria da instituição de ensino, esclarecendo sobre os objetivos e detalhes da pesquisa a ser desenvolvida, na escola. Para tanto, solicitaremos um Termo de Autorização de Pesquisa (Apêndice I) para efetuarmos a mesma.

Com a intenção de obter as informações necessárias, será aplicado um questionário estruturado (Apêndice II) com 17 (dezesete) perguntas, compostas por questões objetivas e subjetivas. Sobre a utilização do questionário estruturado, Barbosa Filho (1994, p. 137)

pondera que “o seu conteúdo deverá constituir-se de um conjunto de indicadores relacionados, logicamente, com o problema central da investigação”. A finalidade do referido questionário é coletar, dos pais, da diretora, da supervisora e das professoras, as informações/opiniões sobre os diversos fatores relacionados ao processo de relação entre a Família e a escola. Ressaltamos ainda que a pesquisa será realizada no período de outubro a novembro de 2013, e os dados obtidos serão apreciados para análise de resultados.

3.4 INFORMAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS.

Nesta pesquisa, poderemos transpor as simples informações do material bruto reunido, explicitar aquilo que não está tão notório, descrever a aparência ou a superficialidade do fenômeno e suas relações com a realidade, desvendar os significados, propiciar a guinada interpretativa por meio de um discurso que pretende validar os resultados obtidos. Isso só será possível com leituras apropriadas, planejamento prévio e senso crítico para o processo analítico dos dados (TRILHAS DO APRENDENTE, 2011, p. 662).

A disposição dos dados, obtidos por meio da aplicação dos questionários, com perguntas escritas com perguntas abertas e fechadas, podendo alcançar um suficiente número de pessoas ao mesmo tempo. Para isso serão organizados questionários em folhas de ofício (A4) com o programa Microsoft Word 2007. Em seguida, as informações obtidas serão sistematizadas na pesquisa através de representações tabelas e/ou gráficos, servindo de suporte na interpretação dos resultados obtidos.

Assegurando o propósito desta pesquisa, será realizada a análise e interpretação dos dados que deverão ser realizados, rigorosamente, com base nos elementos teóricos trabalhados pelo estudo. Análise e interpretação está intimamente ligada: de hábito, fazem-se paralelamente, conjuntamente, em uma operação em que a fronteira entre as duas é muitas vezes, impossível de traçar com precisão (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 197). Resumindo o que tentaremos alcançar sob este instrumento será através dos dados colhidos e no campo empírico, pela teoria que se fundamentou o estudo e pela metodologia específica de modo que os dados serão tratados.

3.5 INDICAÇÕES DE COMO SERÃO ANALISADOS AS INFORMAÇÕES

A princípio, prevê-se que no decorrer desta pesquisa, serão distribuídos 14 (quatorze) questionários contendo questões objetivas e subjetivas, norteadoras da proposta do estudo.

Diante das respostas apresentadas, faremos o levantamento dos dados. Assim os dados obtidos por meio desses questionários serão analisados para uma possível reflexão do contexto social que abrange a comunidade escolar. Subsidiando pelos instrumentos de tabelas/gráficos, podemos formular um perfil desta escola pesquisada para então ser apresentados no resultado final deste trabalho. Notificaremos desde a escolaridade dos pais dos alunos entrevistados até a sua vivência em sociedade.

Averiguando como são as formas da interação estabelecidas entre pais, alunos e professores, que compõem a comunidade escolar; constatando quais as formas que as famílias contribuem no processo de letramento e alfabetização das crianças da educação infantil; para então perceber como é a relação entre pais/filhos e professores/alunos, principalmente no que refere ao aluno e sua aprendizagem.

4. ANÁLISES DOS DADOS DA PESQUISA

Momento de organizar as informações da pesquisa, neste propósito o presente trabalho expandiu-se na visão de apoiar as duas instancias pesquisadas (família/escola), afim que haja possíveis justificativas para que fortaleça a interação entre ambas. Apoiadas dos fundamentos coletados na pesquisa teórica e pelas respostas obtidas pelos questionamentos entre pais e responsáveis pela escola (professores, supervisora escolar e diretora).

Sendo necessária a interação família-escola baseou-se coletar numa amostra do todo. Algumas soluções para as causas presentes no ambiente escolar. Pois se torna evidente que a cada dia, os problemas assombram este ambiente, seja pela ausência na transmissão de valores, na valorização da educação ou mesmo pela falta do domínio da realidade. Resultado disto são crianças inseguras, abusadas e rebeldes, obviamente as condutas que deveriam ser transferidas, lhe são poupadas principalmente pela família e conseguinte a escola termina assumindo as responsabilidades desta instituição (família), que de contraponto muitas vezes é traduzida numa má reflexão no processo ensino-aprendizagem.

Objetivando facilitar a participação dos pais no processo educativo, foi realizada esta pesquisa na comunidade escolar, pela amostragem do público-alvo, sujeitos desta pesquisa, família e responsáveis pela Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Aduino Antônio de Araújo.

Esta pesquisa exige muita atenção e observação sob o que os entrevistados responderam, e suas atitudes. Já que a intenção deste estudo é melhorar a interação da família com a escola, ressaltando-as que as duas têm uma parcela de contribuição no que diz respeito a uma aprendizagem significativa na educação infantil.

Ressaltou- se que através do questionamento, os participantes pudessem expor suas indagações a respeito do tema abordado, possibilitando principalmente aos pais e professores relatarem quais são as questões que implicam para solucionar a ausência do compromisso com o desenvolvimento sadio das crianças não só no ambiente escolar, mas diante da sociedade que convive.

Antes do período da realização do questionamento houve encontro com a direção da escola, para apresentar o devido trabalho acadêmico da UFPB Virtual, expressando o objetivo de colaborar para com a pesquisa no âmbito da pedagogia.

Para em seguida viabilizar a minha proposta através desta pesquisa aplicada.

Marcou-se um encontro com os que participariam da pesquisa. Usando como recurso um questionário com 17 questões (abertas e fechadas), distribuídas aos 10 pais (2 pais/8 mães) sendo entregue após este momento outro questionário com 17 questões (abertas e fechadas) que foi distribuído aos 4 responsáveis pela escola (professores, supervisora escolar e diretora).

No questionário (Apêndice I) distribuído aos pais havia a descrição da proposta com objetivos. Era composto por dezesseis questões fechadas, havendo uma questão aberta.

Analisando o questionário dos pais temos seguintes gráficos e sua interpretação.

1º GRÁFICO



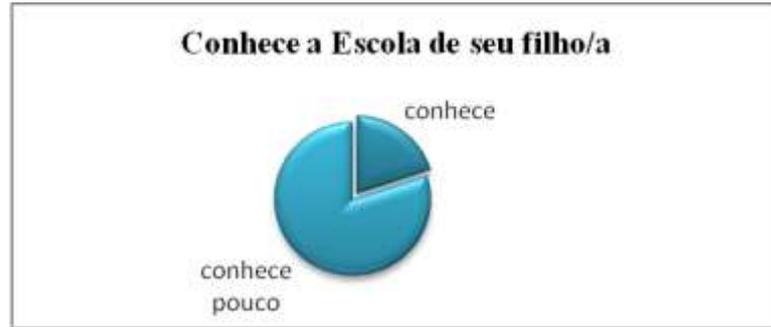
No que se refere à idade dos pais, 70% dos entrevistados disseram que tinha de 20 a 29 anos, e o restante, 30% de 30 a 39 anos. Assim, o número de pais jovens alcançou uma significativa porcentagem.

2º GRÁFICO



Em relação ao sexo dos pais entrevistados, cerca de 80% são do sexo feminino (mães) e apenas 20% são do sexo masculino (pais). Prevalecendo que a participação das mães é significativamente mais elevada que as dos pais.

3º GRÁFICO



Seguindo as questões referentes a real relação entre os pais com os filhos resultou-se: Questionados se eles conheciam a Escola de seu filho/a, apenas 20% dos questionários preenchidos apontavam que conheciam e os 80% que conheciam pouco. Esses dados apontados sobre o pouco conhecimento dos pais em relação ao ambiente escolar das crianças permite-nos ponderar que uma possível causa deste problema seja pela ausência de comprometimento com o ambiente escolar.

4º GRÁFICO



Quanto ao apoio e/ou incentivo para seus filhos no desenvolvimento educacional, eles responderam que 60% seriam muito pouco, 20% pouco e apenas 20% razoavelmente. Tais dados demonstram que há a necessidade de mais atenção para esse apoio/incentivo.

5º GRÁFICO



Perante as transmissões dos valores morais, éticos e solidários pra seu filho, ficou empatado, pois 50% seriam muito pouco e 50% pouco. Comprova-se, com este resultado, que não há atenção específica para “os valores humanos”, vitais para formação de todo e qualquer indivíduo.

6º GRÁFICO



A respeito da relação com seu filho dentro de casa, empatou, ou seja, 50% eram boas e 50% eram muito boas. Ponderamos que esta situação pode melhorar se houver uma finalidade positiva desta relação, tentando desvendar onde estão os possíveis problemas nesta comunicação.

7º GRÁFICO



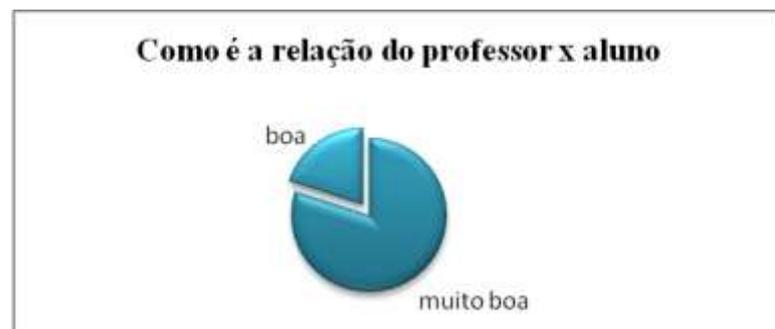
Conhecia-se a professora do seu filho? Todos foram unânimes na resposta afirmando que sim, ou seja, 100%. Apesar da unanimidade, podemos pontuar que, em alguns casos, este “conhecimento” é meramente superficial.

8º GRÁFICO



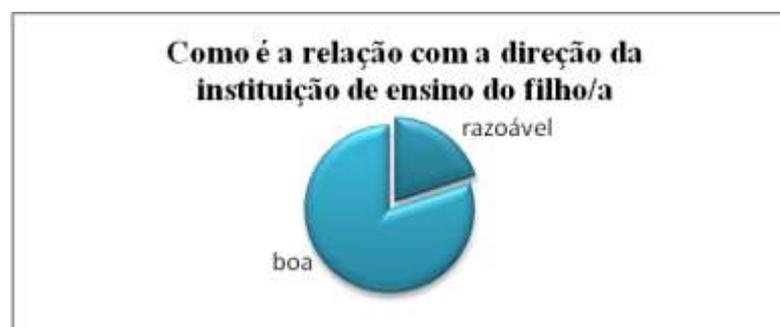
Já que conheciam, como é sua relação com o professor do seu filho: 30% disseram que boa e 70% muito boa. Como o resultado pontuou positivamente, há vantagens para uma provável interação.

9º GRÁFICO



Na relação professor x aluno na escola, constatou que 70% eram muito boas e 30% boa. Esses dados mostraram-se como favorável para a transmissão, não apenas de conhecimento, mas de valores.

10º GRÁFICO



Partindo para o pessoal da direção consideraram 80% que era boa, e 20% razoável. Esta demonstração traduz que há necessidade de ampliação no diálogo e compreensão entre ambas as partes.

11º GRÁFICO



Para tanto o resultado traduziria na aprendizagem do seu filho, correspondeu a 80% muito boa e 20% boa. Isso pode contribuir para um aprendizado bem mais satisfatório.

12º GRÁFICO



Todos concordaram que a participação da Família na escola é importante. Afirmando que é importante, não denota dizer que colaboram efetivamente nesta participação. Dados já mostraram que há a necessidade de uma maior interação entre estas duas instituições.

13º GRÁFICO



Quanto à frequência das reuniões marcadas pela escola, 80% afirmaram que frequentavam, mas 20% tentaram se justificar pela ausência. Afirmamos, nesse dado, que a participação é fundamental para o encaminhamento e resolução de muitas questões relativas à aprendizagem das crianças, a partir desses encontros entre pais e mestres.

14° GRÁFICO



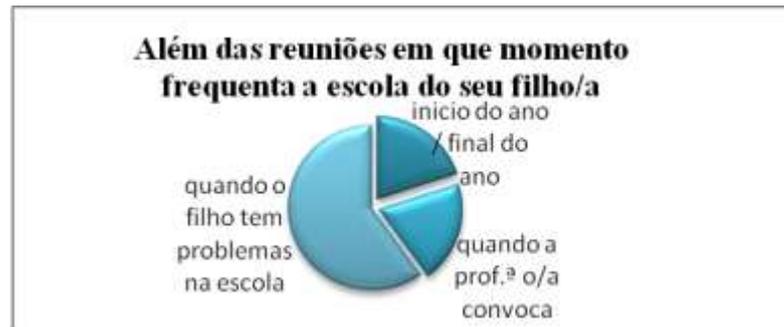
Mesmo assim eles consideraram que os momentos das reuniões da escola do/a seu/sua filho/a 20% seria para melhorar o ensino, 20% pode promover uma interação com escola e pra 60% auxilia ajudando aos filhos. Na maioria, apontaram que os principais beneficiados seriam os filhos, mas para isso terá que existir uma conscientização do papel que eles assumem neste compromisso.

15° GRÁFICO



Quando não podem participar dos eventos da escola de seu filho (a), justificaram assim 60% pela dificuldade do horário de trabalho dos pais, para 20% seriam pelas datas das reuniões e atividades, e para 20% seria pelos poucos eventos com a participação dos pais na escola.

16º GRÁFICO



Mas quando dá pra frequentar, em que momento vem à escola do seu filho. Novamente empate: no início do ano/ final do ano e quando o/a professor/a o/a convoca com 20 % e com 60% quando o filho tem problemas na escola. Estes momentos são insuficientes para que haja uma interação significativa entre pais e o ambiente escolar.

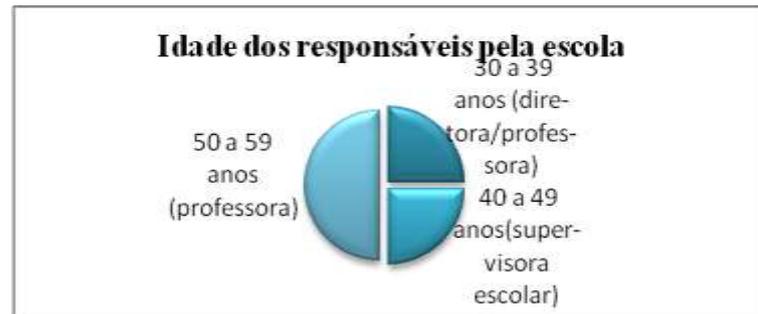
17º GRÁFICO



Pensando em melhorar este quadro o que devia ser abordado nas reuniões com o/a Professor/a: com 60 % conversar sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com 20% tanto para ter momento de descontração como para uma orientação de como acompanhar os filhos nas atividades. Estas sugestões são plausíveis para o sucesso escolar, basta que se planeje a melhor forma de executá-las.

Com relação ao questionário (Apêndice II) distribuído aos responsáveis pela escola (professores, supervisora escolar e diretora).

1º GRÁFICO



No que se refere à idade dos responsáveis pela escola, 50% dos entrevistados disseram que tinha de 50 a 59 anos, 25 % são de 40 a 49 anos e o outro 25 %, de 30 a 39 anos.

2º GRÁFICO



Todos foram unânimes com o sexo feminino, ou seja, 100%.

3º GRÁFICO



A respeito do tempo de serviço prestado à docência ficou empate entre os pesquisados, com 50%, de 5 a 10 anos (diretora/supervisora escolar) e também 50%, de 25 a 30 anos (professoras). Reconhecemos, contudo, que não é o tempo da experiência na educação que

revelará as vantagens sobre este cenário, mas o que torna imprescindível é o compromisso que cada profissional deve assumir perante a comunidade escolar.

4° GRÁFICO



Como profissional da educação que procuram estar aptos a assumirem os respectivos papéis resultou com 75% com o curso superior em Pedagogia e 25% com habilitação em uma Especialização de Educação. É necessário esta formação acadêmica, um profissional bem preparado tem muito que oferecer em suas atividades profissionais.

5° GRÁFICO



Quanto ao apoio e/ou incentivo para seus alunos no desenvolvimento educacional, eles empataram com 50% para razoável e 50% para pouco. Este fato revela as possíveis causas do mau desempenho, certo atitudes de comportamento. Por isso, careceria de afetividade e comprometimento.

6° GRÁFICO



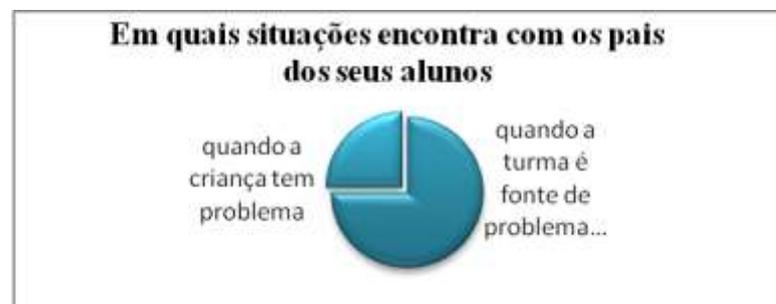
Segundo a relação cada um teve sua opinião distinta, merecendo a cada uma 25%. Existem diversas razões apontadas para justificar o insucesso, mas este perfil tem que passar por novas alterações para que haja prerrogativas positivas nesta relação.

7º GRÁFICO



A respeito do que os responsáveis pela escola pensam sobre a integração, não houve consenso, na medida em que cada um com sua opinião diferente, resultando pra cada 25%.

8º GRÁFICO



Momentos ou situações que poderiam encontrar com os pais de seus alunos ficam na margem de 75% quando a turma é fonte de problema para seu filho e apenas 25% para quando a criança tem problemas. A preocupação só é voltada para “os problemas”, seja da

criança ou com a criança. Deveria haver um amparo da própria escola em promover uma interação de pais, mestres, alunos e direção escolar.

9º GRÁFICO



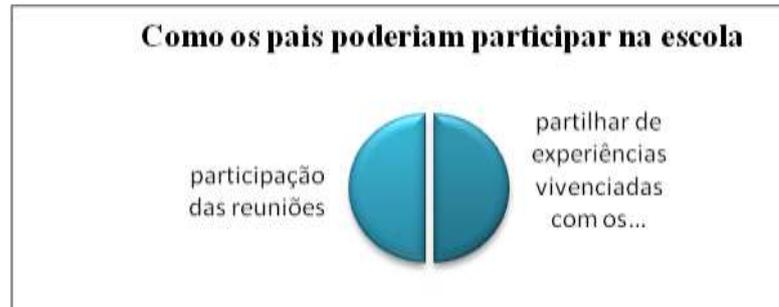
Quanto aos momentos de reunião na escola eles empataram com 50% para melhoria do ensino e 50% oportunidades dos pais conhecer a escola e praticar assiduamente esta obrigação.

10º GRÁFICO



Quanto às estratégias que poderia usar para tentar fazer uma comunicação com os pais, 50% demonstram que as reuniões de pais com outros funcionários são o que vem a acontecer e 50% disseram que em momentos informais na escola. Investir nestes momentos tornaria mais articulada à interação entre família e escola.

11º GRÁFICO



Segundo como os pais poderiam participar mais ativamente na escola, responderam em 50% que em participar de reuniões na escola e 50% afirmaram que poderia partilhar das experiências vivenciadas com os filhos, facilitaria esta relação. É importante, desta forma, tomar consciências destas experiências, e ressaltar que ambas as partes precisariam contribuir efetivamente desde o mais simples momento até o mais complexo, afim de uma própria sustentabilidade do que esteja proposto.

12° GRÁFICO



Quanto ao que poderia colaborar com esta integração, a maioria afirmou cerca de 75% que se criasse um Conselho Escolar, eles se sentiriam mais presentes e já 25 % acharam que através de um apoio pedagógico mais preparado para lidar com esta realidade ajudaria a encontrar a solução. Quanto ao Conselho Escolar é imprescindível, para que uma escola alcance tais níveis de sucesso, que nela esteja implantada uma boa organização e participação dos envolvidos, cabendo a cada qual sua parcela de apoio. Um modelo de apoio pedagógico é algo que abrange inicialmente o gerenciamento da Secretaria da Educação do Município, juntamente com gestores, pais, alunos e educadores.

13° GRÁFICO



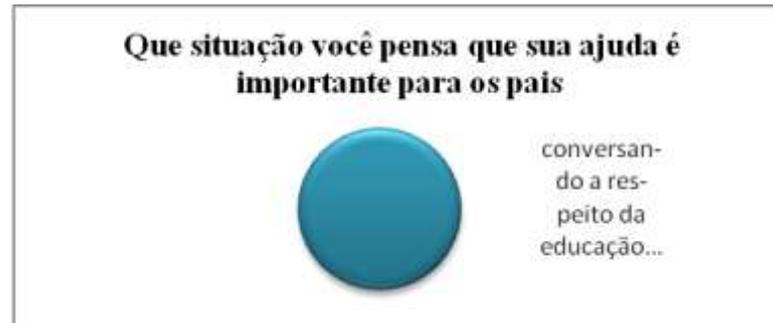
Referente à que tipo de informação os profissionais costumam se comunicar com os pais resultou em opiniões diversas resultando pra cada 25 %. Função dos pais na escola vai muito além de reclamações e de obrigações, mas se construírem laços de empenho para praticar novas alianças que perdurassem além do ambiente escolar, seria mais adequado.

14º GRÁFICO



Segundo os assuntos que deveria ser abordados com os pais, talvez seja um dos motivos de tanto distanciamento, pois foram opiniões diferentes, mas que todos permeiam no ambiente escolar, resultando pra cada 25 %. Contexto já tem pra serem debatidos entre a escola e os pais, mas para isso é preciso segurança e informações condizentes, não bastando à escola querer desenvolver uma conscientização, por exemplo, sobre o “Bulyng”, se muitas vezes, somos participantes de fotos marcantes na vida dos nossos alunos. Talvez pelo despreparo em enfrentar tais circunstancie. Mas no momento não competiria como desculpa. Para tanto se deve planejar em tudo minuciosamente para então estar habito em desenvolver tais propósitos.

15º GRÁFICO



Teve outra unanimidade quanto às situações em que pensasse que a ajuda dos professores seriam muito importante para os pais. Na medida em que os educadores possuem função importante neste cenário nos leva a refletir sobre o que estamos fazendo todos os dias no ambiente escolar. Temos que aceitar a realidade e dela moldar uma nova forma de contribuir para o sucesso destes que tanto precisam dos nossos ensinamentos, não somente pelos saberes específicos, mas pela formação destes indivíduos para a sociedade na qual estão inseridos.

16º GRÁFICO



Quanto a uma boa relação como os pais no processo de integração, 50% dos entrevistados disseram que seriam os problemas de acompanhamento escolar, 25 % devido à relação da aprendizagem e os outros 25%, pelas situações problemáticas na dinâmica da escola. A amplitude de uma boa relação com os pais se apreende desde os princípios humanos como: respeito, compromisso, solidariedade, afetividade entre outros, que são premissas para um bom convívio social.

Concluindo a pesquisa através dos questionado que os pais e responsáveis que participariam deste momento. Demonstraram em sua a maioria ter clareza quanto à necessidade de transformar as nossas atitudes, assim teremos a força de vontade de mudar esta realidade.

Após análise conceitual e demonstrativa dos dados observa-se que os pais não estão desatentos aos problemas educacionais de agora, os quais acontecem não somente na nossa escola, mas também dentro de outras escolas e com as diferentes famílias. Almejando uma aproximação entre a escola e a família, para juntos tornarem capazes de lidar com situações de confusão, colocando neste entendimento, esperanças de melhoria nas relações entre estas duas instituições (família/escola).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa tornou possível compreender que a relação entre escola e família é indispensável para os que almejam uma educação de qualidade. Assim, é imprescindível que tanto a escola quanto a família, construam um vínculo em prol da aprendizagem das crianças, desenvolvendo novos hábitos de convívio para estruturar uma vida escolar saudável, percebendo com seriedade que devem estar juntas para um objetivo em comum: “uma educação significativa”. Cabe à escola criar meios de aproximação com as famílias, mediando e expondo que a educação é a porta para vivenciar o mundo, bem como esclarecendo que isso não é apenas função das escolas, mas é um desempenho para todos.

Nessa reflexão temos que considerar também a contribuição valiosa do professor que, neste processo em tentar aproximar a escola da família, acaba com sobrecarga de obrigações. Consideramos então, que as responsabilidades não são apenas deles, mas também da família, que não deve se omitir diante deste processo de formação.

A família, na atualidade, ainda mantém lacunas quanto ao seu compromisso assumido com a educação. Sabemos que cada caso tem sua particularidade, mas que isso não se justifica quando, por exemplo, as crianças “vão mal” na escola, ou manifestam problemas em sua aprendizagem. Ressaltamos que os professores apontam para muitos questionamentos a respeito desta “tendência” à omissão, apresentada por algumas famílias, afirmando que, na medida em que não participam da vida escolar das crianças, não reconhecem a importância para a existência de uma aprendizagem de qualidade.

Desta forma, cabe à escola inovar-se em suas práticas pedagógicas, atribuindo para vida dessas crianças à oportunidade de serem no futuro, cidadãos de direitos e deveres. Mas, para isso, a família deve estar atenta a qualquer dificuldade que seu filho apresentar, seja ela social, cognitiva, afetiva ou cultural. A preocupação volta-se predominantemente para os mecanismos que deverão ser usados na formação do seu caráter, podendo até prejudicar sua própria identidade, caso não viabilize suas necessidades.

Costa (apud Gentile, 2006, p. 39) ressalta: “Os mais comprometidos, ainda que seja minoria, tem capacidade de influenciar o restante da comunidade e mudar a escola. Essa mudança pode ser o segredo para uma relação duradoura e com final feliz”.

Tanto a família quanto a escola devem estreitar ainda mais suas relações de parceria, percebendo a criança como um sujeito único, para promover sua aprendizagem e colaborar para sua formação social. Assim, é essencial e conveniente que existam mudanças nas

posturas da família, dos professores e gestores. Ressaltamos que o caso não é encontrar um “culpado” pelas circunstâncias ocorridas no ambiente escolar, mas de procurar, juntos, soluções para tais problemáticas. A escola deve ser uma transmissora dos conhecimentos, processos e técnicas de ensino, tendo a ação de articular “família e escola”, em inúmeras situações, tais como: reuniões, confraternizações, celebrações, palestras, com toda comunidade escolar e demonstrando o valor de partilhar este compromisso de parceria em prol da aprendizagem das crianças.

6. REFERÊNCIAS

ARIES. P. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministérios das Comunicações, 1988.

BRENNAND, Elado Jose de Goies. **Metodologia científica na educação a distancia**/José Washington de Moraes Medeiros, Maria do Amparo Caetano de Figueiredo. - João Pessoa: editora universitária Da UFPB, 2012.

CHECHIA, A. V.; ANDRADE, A. S. **Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos**. In: V Seminário de Pesquisa, Ribeirão Preto. 2002

DIAS, A. A. **Direito e obrigatoriedade na Educação Infantil**. In: Dias, A. A.; SOUZA Jr. L. Políticas públicas e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2007.

GENTILE, Marcela. **Família e escola: parceira na aprendizagem**. Revista Nova escola>São Paulo: abril, n.193, p.32/39, jun/jul.2006.

GOKHALE, S. D. **A família desaparecerá**. In: Revista Debates Sociais. Nº 30, Ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

KUHLMANN JR, M. **Infância e Educação Infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: artes Médicas; Belo Horizonte; UFMG, 1999.

PARO V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2007.

PAROLIN, Isabel. Professores formadores: **A relação entre a família, à escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2003.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

RCNEI, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil/** Ministério da Educação- Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 2001.

REIS, R. P. PAIS E FILHOS - **Relação família e escola: uma parceria que dá certo.** In: Revista Mundo Jovem. São Paulo. Fev. 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo. Atlas, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 36. Ed. São Paulo: Autores Associados, 2004.

Trilhas do Aprendiz. **História da Educação Brasileira-** volume 1/Edna Gusmão de Góes Brennand, Silvio José Rossi (Organizadores) - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

Trilhas do Aprendiz. **História da Educação Brasileira-** volume 2/Edna Gusmão de Góes Brennand, Silvio José Rossi (Organizadores) - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Trilhas do Aprendiz. **Estágio Supervisionado em Magistério de Educação Infantil I-** Volume 2/Edna Gusmão de Góes Brennand, Silvio José Rossi (Organizadores) - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Trilhas do Aprendiz. **Trabalho de conclusão de curso-** volume 2/ Edna Gusmão de Góes Brennand, Silvio José Rossi (Organizadores) - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

<http://www.sledeshare.net/jeoloa/a-problemtica-da-relão-familia-escola-e-a-criança-com-necessidades-educativas-especiais-4131485> / Acesso: 27/10/2013 às 20h15min

<http://www.fc.unesp.br/upload/Kethlemterciano.pdf> / Acesso: 27/10/2013 às 20h45min

http://pensador.uol.com.br/pensamentos_paulo_freire/ Acesso: 17/122013 às 14h30min

7. APÊNDICES

APÊNDICE I

Questionário para os pais

Prezado (a) Senhor (a), Sou aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB Virtual) – Polo de Itaporanga –PB e estou realizando um trabalho com o objetivo de colaborar para com as pesquisas no âmbito da pedagogia.

Atenciosamente, Maria Aparecida Rodrigues de Sousa.

1. Idade:

- menos de 20 anos de 40 a 49 anos
 de 20 a 29 anos de 50 a 59 anos
 de 30 a 39 anos 60 e mais anos

2. Sexo:

- Masculino Feminino

3. Você conhece a Escola de seu filho/a?

- Conheço Conheço pouco Não conheço

4. Você oferece em casa apoio e/ou incentivo para seus filhos no desenvolvimento educacional:

- Muito pouco Pouco Razoável

5. Você transmite os valores morais, éticos e solidários pra seu filho:

- Muito pouco Pouco Razoável

6. Como é sua relação com seu filho em casa:

- Ótima Muito boa Boa Razoável

7. Você conhece a professora do seu filho?

- Sim Não

8. Como é sua relação com o professor do seu filho:
() Ótima () Muito boa () Boa () Razoável
9. Para você, como é a relação professor x aluno na escola:
() Ótima () Muito boa () Boa () Razoável
10. Como é sua relação com a direção e corpo escolar da instituição de ensino do filho/a?
() Ótima () Muito boa () Boa () Razoável
11. Você considera a aprendizagem do seu filho neste momento:
() Ótima () Muito boa () Boa () Razoável
12. Como você considera a participação da Família na escola?
() Importante () Indiferente () Sem importância
13. Você frequenta as reuniões marcadas pela escola?
() Sim () Não
14. Como você considera os momentos das reuniões da escola do/a seu/sua filho/a?
() Oportunidade de conhecer a escola
() Melhoria do ensino
() Interação com a escola
() Ajuda aos filhos
() Sem importância/Indiferente
15. Quais as possíveis causas que dificultam a participar dos eventos da escola de seu filho (a):
() horário de trabalho dos pais
() Datas das reuniões e atividades
() Poucos eventos com a participação dos pais
() Comunicação precária entre escola e pais.

16. Além das reuniões, em que momento você frequenta a escola do seu filho:

- Início do ano/ final do ano
- Quando o seu filho tem problemas na escola
- Quando o seu filho tem problemas em casa
- Quando o/a professor/a o/a convoca

17. Tendo em conta o seu educando que assunto gostava de abordar com o/a Professor/a? _____

APÊNDICE II

Questionário para os professores

Prezado Senhor (a), Sou aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB Virtual) – Polo de Itaporanga –PB e estou realizando um trabalho com o objetivo de colaborar para com as pesquisas no âmbito da pedagogia.

Atenciosamente, Maria Aparecida Rodrigues de Sousa.

1. Idade:

- menos de 20 anos de 40 a 49 anos
- de 20 a 29 anos de 50 a 59 anos
- de 30 a 39 anos mais de 60 anos

2. Sexo:

- Masculino Feminino

3. Tempo de serviço na docência:

- menos de cinco anos de 15 a 20 anos
- de 5 a 10 anos de 20 a 25 anos
- de 10 a 15 anos de 25 a 30 anos

4. Habilitações profissionais:
- Curso de professores do Magistério
 - Curso de professores da Escola Superior de Educação
 - Curso de especialização de Educação
5. Você oferece em casa apoio e/ou incentivo, para seus alunos, no desenvolvimento educacional:
- Muito pouco Pouco Razoável
6. Como é sua relação com os pais no processo de integração?
- _____
- _____
7. O que é para si uma boa relação entre a família e a escola? Por favor, dê exemplos: _____
- _____
8. Quais as situações mais comuns em costuma encontrar os pais?
9. Início do ano/ final do ano
- Para aferir comportamentos da criança em casa e na escola
 - Quando a criança é "fonte" de problemas para a turma
 - Quando a turma é "fonte" de problemas para a criança
10. Como você considera os momentos das reuniões da escola?
- Oportunidade os pais de conhecer a escola
 - Melhoria do ensino
 - Interação com a família
 - Ajuda aos alunos
 - Sem importância/Indiferente
11. Que tipo de estratégias de comunicação utiliza na relação com a família?
- Visitas a casa

- Momentos informais na escola
 - Reuniões de pais com outros profissionais
 - Reuniões individuais com pais
12. Como os pais poderiam participar na escola?
- Organização de festa
 - Para reuniões sociais
 - Participação em reuniões
 - Partilha de experiências vivenciadas com os filhos
13. Como a escola poderia colaborar com a interação da família na escola:
- Participação em conselhos escolares
 - Escolha de modelos de apoio pedagógico
 - Outros.
- Cite: _____
14. Que tipo de informação você tem que comunicar aos pais?
- Atitudes da turma em relação à criança
 - Atitudes da criança em relação a outras crianças
 - Atitudes da criança em relação ao professor
 - Insucessos na aprendizagem escolar
 - Sucessos na aprendizagem escolar
15. Normalmente que tipo de assunto os pais lhe informam?
- Atitudes da criança em casa
 - Problemas de acompanhamento escolar
 - Ansiedades e medos em relação ao sucesso/insucesso da criança
 - Medos advindos da integração da criança na turma
 - Situações problemáticas na dinâmica da família

16. Em que tipo de situações pensa que a sua ajuda seria importante para os pais?

17. Quais assuntos mais gostariam de abordar com os pais, que poderiam colaborar no processo de aprendizagem das crianças?

8. ANEXOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o (a) aluno (a) de graduação **Maria Aparecida Rodrigues de Sousa** do curso de Pedagogia da Universidade UFPB - Virtual. Tenho ciência de que o estudo tem em vista, observar, realizar entrevista ou aplicar questionário para os pais, diretora e coordenada e professoras, visando, por parte do (a) referido (a) aluno (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso de graduação. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade.

Itaporanga – PB, 07 de Novembro de 2013.
